

OSCAR WILDE: CIRCULAÇÃO E IMAGEM

Kelen Cristina RODRIGUES
Universidade Federal de Uberlândia
kelenmanzan@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo buscará discutir os conceitos de percurso e imagem de autor, como propostos por Dominique Maingueneau (2008;2010), e suas possíveis aplicações quando tomados como unidades de análise. Não pretendemos uma análise exaustiva, e sim, um exercício de análise que possa convergir, talvez, para uma possível “conversa” entre os dois conceitos.

palavras-chave: percurso; imagem de autor; Oscar Wilde.

1. Algumas observações iniciais

Em um artigo intitulado *Unidades Tópicas e Não Tópicas*, Maingueneau (2008) discute, inicialmente, o conceito de formação discursiva como uma problemática que acompanha a Análise do Discurso francesa, desde seu surgimento. O autor destaca pontos relevantes, entre eles, a discutida questão da dupla paternidade, seriam os pais M Foucault e M. Pêcheux, do conceito. A discussão sobre a aplicabilidade teórico-metodológica da formação discursiva é a porta de entrada para o autor propor dois tipos de unidades de análise, a saber, as unidades tópicas e as unidades não tópicas, como uma forma de refletir sobre a natureza das unidades de análise reivindicadas pelos analistas do discurso. Com essa proposta, Maingueneau buscará organizar critérios que sejam capazes de distinguir unidades de análises diversas, dentre elas as formações discursivas, o posicionamento e percursos.

A discussão sobre imagem de autor pode articular-se com o percurso na medida em que, ao analisarmos a circulação do sintagma Oscar Wilde é possível reconhecer as diversas imagens atribuídas ao autor em questão. O conceito de imagem de autor é tratado por Maingueneau (2010) em um texto intitulado *Imagem de autor – Não há autor sem imagem*. A imagem de autor não é um trabalho exclusivo do próprio autor, elaborando-se na confluência de gestos e palavras e no comentário dos diversos públicos que inevitavelmente contribuem para moldá-la. O discurso literário funda-se essencialmente em uma longa memória, em um trabalho de arquivo, tornando a imagem de autor um aspecto deveras moldável. O trabalho com e na imagem de autor no campo literário é significativo do funcionamento desse mesmo campo, e acaba por originar acontecimentos como inclusão de escritores antes marginais no

hall dos grandes escritores, dos clássicos da literatura universal. Escritores, como Rimbaud, por exemplo, só adquiriu esse estatuto depois da morte, em grande medida pelo trabalhos de interventores posteriores. Maingueneau nos dá o exemplo de Blaise Pascal que, segundo o autor, “trata-se de um “auctor” hoje maior, mas que, durante sua vida, foi garante de apenas uns poucos opúsculos científicos” (2010, p.144). Oscar Wilde apresenta um texto significativo da ação de interventores posteriores, trata-se de *De Profundis*, uma carta que adquiriu um estatuto de texto canônico sendo incorporado à obra, e ao mesmo tempo, referência para sua doutrina estética e fonte de conhecimento biográfico. A incorporação da carta deu-se em um processo gradativo, ela não figurava nas primeiras compilações, assim como sua aparição foi gradual. A sua versão integral só veio ao público cerca de 50 anos após a morte de Wilde. *De Profundis* não foi um título escolhido por Wilde, ele foi dado por Robert Ross, um grande gestor da obra wildiana em determinado momento. É sobre o fato do “poder” não estar no texto que Maingueneau (2010, p. 145) pontua que “a escolha de uma ou outra estratégia não depende dos textos em si mesmos, mas da imagem que se tem do autor, e, ao fazer isso, na realidade, modifica-se a imagem do autor para o público.”

2. O conceito de *percurso*, algumas questões e nenhum fechamento

O conceito de *percurso*, como proposto por Maingueneau, configura-se como uma nova unidade de análise, quando o analista agrupa, por razões diversas, unidades de diferentes ordens (sejam elas lexicais, proposicionais, fragmentos de textos) oriundos do interdiscurso, sem a preocupação preliminar de construir espaços de coerência, de totalidade entre essas unidades. Nesse quadro teórico, o *percurso* é visto como uma unidade não-tópica do discurso, e, nesse sentido, a partir desse conceito é possível ao pesquisador “desestruturar as unidades instituídas definindo *percursos* não esperados: a interpretação apóia-se, assim, na atualização de relações insuspeitas no interior do interdiscurso” (Maingueneau, 2008, p. 23).

Esse tipo de pesquisa, que o analista se propõe a desenvolver, beneficia-se dos mecanismos de busca, como Google. Um trabalho relevante sobre *percurso* de sintagmas foi realizado por Krieg-Planque (2010), sobre “depuração étnica”. Esse tipo de trabalho caracteriza-se por explorar, assim como prevê o conceito, zonas de dispersão, uma circulação, e não uma relação entre o enunciado e uma fonte enunciativa.

O ponto chave da questão, de acordo com Possenti (2008, p. 112), não é que “o enunciado não pertença a uma FD ou a um posicionamento. O que ocorre é que pode ser

retomado em várias FDs ou em vários posicionamentos, estabelecendo a cada vez novas relações com os enunciados típicos dessas FDs ou desses posicionamentos...”

Assim, buscaremos discutir com base no conceito de percurso, proposto por Maingueneau (2008), a circulação do sintagma nominal “Oscar Wilde”. Não faremos uma análise exaustiva. Consideraremos apenas alguns aspectos, também com a finalidade de colocar – ou recolocar – em debate certas questões.

O que nos motivou a essa reflexão, em particular, foi a chamada de trabalhos para um seminário que ocorreu em julho deste ano de 2013, na cidade de Novo México, sobre o escritor Oscar Wilde, intitulado *Oscar Wilde: celebrity or notoriety?*. O fato que despertou nosso interesse reside na abrangência da proposta, que mexe com as diversas facetas da imagem de autor que são imputadas à Oscar Wilde. De acordo com o seminário, as apresentações podem incluir Oscar Wilde como uma figura de renome literário e teatral; podem ter o foco em sua sagacidade para o aforismo; podem contextualizar as maneiras pelas quais ele scandalizou (e foi punido por) na sociedade vitoriana; podem teorizar Oscar Wilde como uma figura *queer* (ou talvez como gay mártir). A chamada para o seminário é reproduzida abaixo:

We invite proposals from a variety of disciplines with a diversity of approaches. Presentations might include Wilde as a figure of literary and theatrical renown, focus on his influential wit and gift for aphorism, contextualize the ways in which he scandalized (and was punished by) Victorian society, theorize Wilde as a modern queer figure (or perhaps gay martyr), and/or consider the ways in which Wilde’s life and work have been consistently appropriated and re-appropriated since his death.

Essa abrangência de domínios nos faz refletir que se considerarmos Oscar Wilde como um sintagma “Oscar Wilde”, ele parece mostrar uma relação peculiar com o interdiscurso, circulando de inúmeras maneiras, sendo sistematicamente apropriado e reapropriado, não apresentando, assim, uma significação estável.

Diante do acontecimento inicial que despertou nosso interesse (a abrangência do seminário), e posterior reflexão de considerar Oscar Wilde como um sintagma com relação peculiar com o interdiscurso, as questões iniciais que se colocam parecem poder ser resumidas em três tópicos sobre sua circulação:

Seria o sintagma Oscar Wilde:

1) uma expressão que circula em vários campos discursivos e posicionamentos?

2) seria a análise do percurso deste sintagma capaz de demonstrar “laços insuspeitos no interdiscurso”, ou seja, circula em diferentes posicionamentos, em diferentes formações discursivas?

3) circula em diversos contextos e gêneros diferentes?

Consideramos “Oscar Wilde” como um sintagma que ultrapassa fronteiras, é polêmico, adquire novos sentidos e coloca problemas específicos de *ethos*. Todavia, por ser um **nome próprio**, no sentido de ser um nome dado a uma pessoa e um **nome de autor**, como no sentido atribuído por Foucault, esse sintagma nominal parece colocar problemas também específicos em relação aos sistemas de busca, justamente por ser um nome que ultrapassa fronteiras geográficas e que mantém relações, digamos, privilegiadas com o interdiscurso.

Com essas questões, inicialmente, em mente, iniciamos com uma rápida olhada no mecanismo de busca Google, e pudemos encontrar Oscar Wilde associado –além do esperado campo literário com frases, citações e livros como Oscar Wilde para Inquietos (da editora Sextante) – aos direitos homossexuais; à religião (como quando um site que se intitula cristão, discutiu os fundamentos do matrimônio usando como contra-argumento trechos retirados de Dorian Gray); e, associado mesmo, a uma composição musical, disponível no myspace, de Rafael Castro.

Um ponto que também despertou nossa atenção, é a chamada do jornal americano (que é também uma universidade, que tem entre os seus cursos, o de direito) Tulsa World: TU hosts 'Oscar Wilde and the Law' conference Thursday-Friday”, que relaciona Oscar Wilde, e de maneira mais específica, seu julgamento, e a influência que esses julgamentos tiveram na formulação de estatutos, e, até mesmo, leis. E além disso, estabelecendo relações com contextos legais como difamação, direitos autorais, chantagem, indecência e a homossexualidade. Na página do evento, encontra-se a seguinte informação:

Robert Spoo, Chapman Distinguished Professor of Law at TU and an expert on copyright and intellectual property law, organized the conference. Legal and literary scholars from TU and elsewhere will examine "the many ways in which Oscar Wilde encountered the law, sometimes tragically and infamously, and the various legal contexts — libel, copyright, blackmail, indecency, homosexuality — that Wilde's experience highlighted, during his life and after," Spoo said.

Essas ocorrências, nos mostram que a circulação de “Oscar Wilde” não se restringe a um campo discursivo, ele circula em outros lugares discursivos. Inicialmente, temos o campo

literário, de forma mais ampla, o campo da arte, que é o campo onde ocorre o posicionamento do autor. Todavia, como pudemos perceber a apropriação, que ocorre no acontecimento que nos chamou à atenção, o seminário *Oscar Wilde: celebrity or notoriety?* apresenta essa circulação em outros campos, como quando evoca trabalhos que dão conta da influência de “Oscar Wilde” na sociedade civil e como representante do movimento gay. Essas apropriações e retomadas são importantes também dentro do quesito de construção de imagem de autor, que se constrói na circulação de sentidos em determinado momento histórico, e assim, diferenciando-se da noção de percurso como proposta por Maingueneau, já que, para a análise da imagem de autor tem-se um quadro institucionalizado e uma “fonte enunciativa”, que são fundamentais.

Esse sintagma também se relaciona, como podemos ver pelo evento da Universidade de Tulsa, mais especificamente em um evento do curso de Direito, com a elaboração de leis, análises de ações precedentes e crimes diversos como chantagem, difamação, direitos autorais. Essas questões, como criação e votação de leis, nascem no seio da sociedade e são transportadas para instâncias políticas, para sua redação e votação, para posterior efetividade como lei que figura nos regimentos dessa mesma sociedade. Essa re-apropriação do sintagma “Oscar Wilde” como exemplo ou motivo para elaboração de leis e sentenças, mostra uma circulação em campos diversos. Essa circulação ampla parece evidenciar uma capacidade de significar diferentes eventos, sem se prender a nenhum deles.

Como dissemos no início, não se trata de uma análise exaustiva, mas, antes, de exercício de análise, porque buscamos refletir sobre um conceito, o de percurso, tendo como “acontecimento” um sintagma nominal, um nome de autor, e se, em alguma medida, essa unidade pode ser pertinente para uma “entrada” para uma análise da imagem de autor. Não temos, ainda, uma conclusão sobre a validade desse processo de análise, ou se ela é capaz de mostrar “laços insuspeitos” no interdiscurso. O que essa breve reflexão parece evidenciar é uma constante apropriação e retomada do nome próprio “Oscar Wilde” em espaços e campos diversos, e, portanto, em contextos e gêneros distintos.

Referências:

KRIEG-PLANQUE, Alice. **A noção de fórmula em análise do discurso:** quadro teórico e metodológico. Trad. Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. Unidades tópicas e não-tópicas. In: _____. **Cenas da enunciação**. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e Silva. Trad. Maria Cecília Pérez de Souza-e Silva. São Paulo: Parábola, 2008, p. 11-26.

_____. Imagem de autor: não existe autor sem imagem. In: _____. **Doze conceitos em análise do discurso**. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e Silva. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Parábola, 2010, p. 139-156.

POSSENTI, Sírio. Um percurso: o caso “por qué no te callas?”. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, Vol. 8, Fac. 2, pp.109-117, Caracas, VENEZUELA, 2009.

OSCAR WILDE: CELEBRITY OR NOTORIETY?. **A symposium**: July 25-27, 2013. Disponível em: <<http://call-for-papers.sas.upenn.edu/node/50393>> Acesso em: 18 jul. 2013

TU HOSTS 'OSCAR WILDE AND THE LAW'. **Conference**: Thursday-Friday. Disponível em: <http://www.tulsaworld.com/scene/tu-hosts-oscar-wilde-and-the-law-conference-thursday-friday/article_705e4cbb-8e4f-5b6f-9674-29aa8d1ea2e2.html> . Acesso em 21 set. 2013.